

# DISTRACÇÃO

ORGAN LITTERARIO SATYRICO

RESGADO DE SANTA CATARINA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS E DOMINGOS

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

Por trimestre—1.500 rs.  
Por um mez — 500 rs.  
Pelo correio — 600 rs.

### Pagamento adiantado

Os autographos que nos forem remettidos não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

A Redacção

COLLABORADORES  
DIVERSOS

GERENTE

Joaquim Margarida

## DISTRACÇÃO

### REPUBLICA OU REPUBLICA

Ao baquear a 15 de Novembro de 1889 a velha e corrupta monarchia que tanto atraso legou a nossa patria, um bando de mercenarios tratou, por todos os meios, de crear difficuldades a marcha da Republica que logo no seu começo transformou todos os ramos do serviço até então feito sob os moldes da mais estúpida aristocracia.

Mas, a despeito da vontade dos interesseiros, ella caminhou altiva pela senda constellada da Liberdade; caminhou livre para o Progresso e Civilisação até que aquelle que, por uma maneira tão sympathica havia-se apoderado do governo da Nação atravessou-se no seu caminho e bradou: Parae!

Parae! e esta ordem tão ter-

minante fez quasi a Republica cahir por terra; este brado repercutio pelos Estados, onde os partidarios do aulico Ouro Preto esperavam occasião oportuna para derrubar e calcar aos pés o que se tinha dado o nome de Constituição da Republica, desforra tremenda da revolução de 15 de Novembro.

Prtegidos ou não pelo vice-presidente elles perturbaram a ordem publica com pretensas revoluções, como a do nosso Estado, em que o povo sabiamente deu o nome de «carnação», e a ordemaram-se dos governos conduzindo a Nação para a ruina e para a miseria se não houver quem lhes ponha obstaculos a tantos descabros.

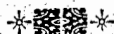
Deposições!! Era esta a palavra que se ouvia pronunciar pelos mecenarios logo em seguida á renuncia do primeiro presidente; era este o termo em que os «revolucionarios» viam concentradas as aspirações da Patria, o progresso e a civilisação.

Engano manifesto! E o magistrado que seguiu o conselho dos arruaceiros estaduaes tambem via nas deposições alguma coisa de honesto, para a sua administração, julgava ver o seu poderio firmado collocando illegalmente homens ineptos a frente dos Estados, que francamente os recusava, como acaba de fazer o poderoso Estado do Matto-Grosso.

Se o marechal que hoje dirige os destinos da Nação, longe de ordenar deposições sustentasse os governadores, estaria hoje governando o Paiz a contento geral.

Mas elle não quiz... e...

Ainda era tempo, marechal.



## NOTAS TRISTES...

Não posso de forma alguma fazer a vontade de quem, embora me merecendo todo o conceito, fez um pedido impossivel: deixar a «Di-tracção» de envolver-se em politica.



Haverá alguém que esteja disposto a fallar com imparcialidade (não a do Jornal) e que negue-se a dizer que no nosso Estado anda tudo de pernas para o ar?



Se um imparcial (ainda uma vez: não como o «Jornal do Commercio») não se jôle negar, quanto mais eu que pela legalidade quebro lanças?



Se tal fizesse seria considerado, com razão, um traidor, pelos proprios amigos que, commigo, bater am-se pela Constituição.



E por fallar em Constituição lembro-me que a «casa amarella» esteve no dia 11 illuminada (bem entendido: á noite) exteriormente (depois da «revolta» de 10 de Abril é o termo usado).



Realmente isto contado fazia corar uma tartaruga, como diz o «Combe» mas foi feito aqui, mesmo nas nossas bochechas.

Mas como se explica uma coisa d'estas?

Das duas uma: ou o emissario do Governo Federal reconhece como verdadeiro Governador, o elei-

to pelo povo ou então (permital) não sabe o que faz

No primeiro caso, está com a «minha», pois que o quadriennio ainda não se findou, como bem deve saber, mas no segundo fez uma asneira

Se a Constituição está em vigor só poderá permanecer em exercício o governador ou algum dos seus substitutos directos, si porém não está, o que significa a illuminação?

Não; aquellas luminarias têm decididamente outra significação: sem duvida alguém fez annos por lá.

Seja como fôr o que reconhecemos é que S. S. perdeu uma bôa occasião de se metter n'uma furna.

Luminarias! Ora bollas!

DINAK

## LITTERATURA

### A VIUVINHA

Por J. de ALENCAR

A. 1885

JANEIRO DE 1857

(Continuação)

Ora não é uma cousa tão facil como supõe-se, o ter uma profissão. Apesar do novo progresso economico da divisão do trabalho, que multiplica infinitamente as industrias, e por conseguinte as profissões, a questão ainda é bem difficil de resolver para aquelles que não querem trabalhar.

Ter uma profissão quando se trabalha, isto é simples e natural; mas ter uma profissão honesta e decens te sem trabalhar, eis o «sonho dos rochedos» da muita gente, eis o problema de Archimedes para certos homens que seguem a religião do «doce farniente».

O problema se resolveu simplesmente.

Ha uma profissão cujo nome é tão vago, tão generico que pôde abranger tudo. Fallo de profissão do «negociante».

Quando um moço não quer abraçar alguma profissão trabalhosa diz-se negociante, isto é, occupado em tratar dos seus negocios.

Um maço de papeis na algibeira, meia hora de estação na Praça do Commercio, ar atarefado, são as condições do officio.

Mediante estas condições o nosso homem é tido e havido como negociante; pôde passear pela rua do Ouvidor, apresentar-se nos salões nos theatros.

Quando perguntarem quem é esse moço bem vestido, elegante, de maneiras tão affaveis, responderão:

—«E' um negociante».

Eis o que eu chamo «virtuosos» do commercio, isto é, homens que cultivam a industria mercantil por curiosidade, por simples desfastio, para ter uma profissão.

E' tempo de voltar d'essa longa digressão, que a senhora deve ter achado muito aborrecida.

O mocinho negociante, tendo chegado á Praça do Commercio, tomou o braço da pessoa que o esperava, dizendo-lhe:

—Está tudo arranjado.

—Seriamente? exclamou o outro moço, cujos olhos brilharam de alegria.

—Pois duvidas!

—Então, amanhã...

—Ao meio dia.

—Obrigado! disse o moço apertando a mão de seu companheiro com effusão.

—Obrigado, porque? O que fiz vale a pena de agradecer? Ora, a-deus!... Vem jantar commigo.

—Não, acompanho-te até lá; mas preciso estar ás quatro horas em minha casa.

Os dous moços de braço dado dobraram o canto da rua Direita.

(Continúa)

## Secção Livre

### FALLA-SE

que um dia d'estes tivemos occasião de conhecer de perto a Araçonga Parda.

Sim senhor, enchem-nos ás medidas...

Que voz melodiosa tem o diabo do «bicho».

—(D)—

### AS DUAS ILHAS

Quando á noite— ás horas mortas  
O silencio e a solidão  
Sob o doce do infinito  
Dormem no mar n'amplidão  
Ve-se por cima dos mares

Rasgando o tecto do ares  
Dous gigantescos perfis  
Olhando por sobre as vagas  
Attentos, longiquas plagas  
Ao clarear dos lusis.

Quem os ve'olha espantado  
E a sós murmura: «O que é?»  
«Ai! que atalayas gigantes  
«São essas alem de pé!...»  
Adamastor de granito  
C'o a testa roça o infinito  
E a barba molha no mar.  
E de pedra a cabelleira  
Sacudindo a onda ligeira  
Faz de medo recuar.

São dous marcos miliarios  
Que Deus nas ondas plantou,  
Dous rochedos, onde o mundo  
Dous Prometheus amarrou!  
—Acolá... (Não tenhas medo  
E' Santa Helena o rochedo  
D'osse Titan, que foi rei!...)  
—Alli... (Não feches os olhos!...)  
Alli... aquelles abrolhos  
São a ilha de Jersey!...

São elles os dous gigantes  
No seculo de pygmeus  
São elles—que a magestade  
Arrancam da mão de Deus  
—Este— concentra na fronte  
Mais astros— que o horizonte  
Mais luz—do que o sol lançou!  
—Aquelle— na dextra alçada  
Traz segura sua espada  
Cometa, que ao céu roubou!

E olham os velhos rochedos  
O Sena que dorme n'ém...  
E a França, que entre a caligem  
Dorme em sudario tambem  
E o mar pergunta espantado:  
«Foi deveras destruido  
Bonaparte meu irmão?!...»  
Diz o ceus astros chorando:  
«E Hugo!...» E o mundo pasmando  
Iuz: «Hugo!... Napoleão!...»

Come vasta reticencia  
S'estende o silencio após...  
E's muito pequena, ó França  
Pra conter estes herões...  
Sim! que estes vultos augustos  
Para o leito de Procuostus  
Muito grandes Deus traçou...  
Bastão os reis tremam de medo  
Se sombra de algum rochedo  
S'ibre elles se projectou!

Dizem que quando alta noite  
Dorme a terra e vela Deus  
—As duas ilhas conversam  
—Sem temor perante os céus  
—Jersey curva sobre os mares  
—A Santa Helena os pensares

—Segreda do velho Hugo...  
 —E Santa Helena no entanto  
 —No «Salgueiro» «xtuga» o pranto  
 —e conta o que «elle» fallou!...

E olhando o presente infame  
 Clamam: «Da turba vulgar  
 Nós infinitos de pedra—  
 Nós havemos os vingar...»  
 E do mar sobre os «escumas»,  
 E do céu por sobre as brumas,  
 Um ao outro dando a mão...  
 Encaram a immensidade  
 Brandando: «A Posteridade!...»  
 Deus ri-se e diz: «Inda não!...»

CASTRO ALVES

FALLA-SE

... que a «Distracção» tem vontade de publicar algumas partes do manifesto do dr. Lourenço de Sá, governador do Maranhão, afim de ficar conhecido (se já não o está) um typo d'aqui...

É triste

Sopra o vento da noite  
 E pelos telhados gemia  
 Dava nas arvores agoite  
 E o silencio rompia.

Cahia chuva miuda  
 E a terra secca molhava,  
 No largo 13 de Maio  
 O Zé Maria caminhava.

Andava pensando o pobre  
 Por causa de uns amores,  
 Não ligando a sua joven  
 Importancia ás suas dores.

Em constante vai e vem,  
 Todo embralhado em um palla,  
 Ia o triste caminhando  
 Sem poder dar uma falla.

MARTHA

DIZ-SE

... que o Taparelli não foi burcar o par de punhos que ficou no prego em casa da «honra».

ATA

FALLA-SE

... que o dr. Dinguinha encomendou uma baixella de prata para offerter ao Canarino, caso seja nomeado 10 embargador.

## PIF-PAF

### IDYLIO

I

Noite escura e friorenta. Em cima, pela fenda d'uma nuvem espessa, Canópus espia a terra. N'um telhado longivo mia um gato á cata de amor, n'uma impaciencia lasciva. Ouve-se o farfalhar das palmeiras alli do jardim e a monotonia plangente das aguas beijando a praia.

Continuo a subir a praça deserta. No adro um bardo qualquer dedilha no violão, atirando aos ares, n'um enxame lyrico, as tristes notas sentidas d'uma queixa amorosa: talvez um amante chorando a sua perfidia; talvez um namorado sem ventura.

Canta um gallo n'aquelle momento. Caso extranho, um gallo cantar assim pela solidão das onze e meia, quando o céu é escuro e os mortaes fecham as palpebras com somno...

II

Aconchego-me mais á minha caps, dou o braço a minha insomnia e enfito por uma rua desconhecida. Uns cães vagabundos fazem trôça n'uma esquina proxima. Maldita esta insomnia, que faz-me assim vagar, noite em fóra, a tactear na treva, na contemplação muda da dança macabra que os phantasmas nocturnos fazem no ar, quando todos pagam o seu tributo á natureza, espreguiçando-se na confortabilidade d'uma cama fófa, achando a vida tão boa, ao lado d'uma esposa terna!...

Canta o gallo pela segunda vez.  
 Parvoice gallinacea...

III

Como são frias as noites deste Maio constipativo! Corpo inervado, eu sigo agora por uma rua que conduz ás proximidades do theatro, sentindo na epiderme as fustigações do vento, mesmo mais fustigante que uma satyra moderna. No vão d'uma porta dous amantes solitarios aconchegam-se ofegantemente, na pratica d'uma canalhice que a moralidade condemna, e o guarda noturno que passa vira o rosto envergonhado. Condescendencia de quem sabe cumprir o seu dever.

Robuste-se-me no cerebro a idéa do hymineu. Sim! o hymineu. E como deve ser deliciosa uma noite de vigílias, sentindo-se o arfar d'um peito de affagos, ouvindo-se as supplicas d'uma mulher formosa, que nos beija, que nos morde, que nos chama de anjo e ergue para nós os olhos cheios de volupis!

III

—As armas! berrou a sentinella alli da thezouraria

Meia noite. Um assovio estridente, unisono corta freneticamente o ar. A insomnia accende-me as pupillas, n'uma curiosidade de velha beata, bem longe de bom exito assim pela escuri-

ção da noite. Um vulto enco-ta-se á base d'um barranco; um outro vulto assoma na parte superior; n'uma attitude de quem vai pular. Magnifico! Canta o gallo pela terceira vez.

Ca trápuz! e o chão secca, batido agora pela violencia do bulo, produz um som cavo. Explendido! E os dous elle e ella, envoltos no manto feral da terra, lá se vão, braços dados, caminho dos mysterios de amor...

E eu fiquei para alli, pernas bambas e fruxo, olhando pancraciamente a rua já deserta, concordando que em verdade o gallo tinha razão em cantar assim pela solidão das onze e meia, quando o céu é escuro e os mortaes fecham as palpebras com somno...

OCTACILIANO DELICIAS

Pef-Pif

NO CONGRESSO...

A illegalidade está na ponta

Abriu-se ante-hontem o grande não principiei como tinha vontade...

Teve lugar ante-hontem a abertura do constituinte congresso illegal comparecendo á ella todos ou quasi todos os «eleitos».

Foi uma scena magestosa e seria e bicuda e alegre e risenha e triste, tão triste que até os anjinhos de Jehovah cheraram.

Sim senhor, ali por perto da 1 uma hora da tarde os ceus despejaram (livra!!) uma chuvinha fina e massante que manchou o dourado da grande gala de muita gente boa.

E a mensagem! Aquillo sim: E' um trabalho que demanda grande intelligencia, e grande...

Que effeito não causará esta mensagem vertida para a lingua de «pretos»? Que cousa grave!!

E a policia? Mas que diabo, esta policia esbodegada não dará nunca uma guarda de honra para estes pagodes?

Já era tempo de sabermos fazer «hombro armas».

Ah! é verdade, lembrei-me agora do motivo; a policia depois de ter sido desarmada no Tubarão, Tyjucas etc, ficou muito jurruê não teve vontade de metter-se mais em exercicios:

Pobre congresso. Funcionando illegalmente não lembra-se que d'um momento para outro a coisa pode virar-se e a bicharia sair lá de dentro a toque de caixa.

Seja como for o congresso «bichifero» está «abrido e os eleitos» com assento

Bôôôôôa noite sus. congressistas bichiferos!!

CANARINO SENIOR

## RETRIBUIDA

MAN SAGT

dase die bese katze oder der Franziskaner Papagai als governador vom unsern Staat ernant werden soll gott behutte uns...

Der faule geier

## N'um Baile

E' triste!!! demasiadamente triste, quando para se grangear sympathy ou adquirir qualquer cousa, lança se mão da intriga!...

E' verdade!... Assim procedeu certo typo prosa que revestido do pedantismo e vaidade de que sempre anda repleto, tentou em um baile que frequentou nas proximidades da praça do general Osorio, entriagar-me com certa moça. Mas coitado do bestalhão, foi todo do balde, perdeu seu tempo, pois nada conseguiu.

A este «conze letra» bobo, rogo que não se metta em outra, fazendo intriga com referencia a minha pessoa, que está muito acima das suas calumnias.

Se continuar a querer me entriagar com suas mentiras, garantio lhe que publicamente apresentarei todas as suas façanhas e... não sei se me entende.

Que pantomineiro intrigante!

que bilontra!... Coi adô! pobre rapaz.

Bem, depois não te queixes, vê bem com quem te mettes.

Igneo

## FALLA-SE

Que felizmente já houve o primeiro espectáculo no apateo da bicharia!

E viva o constructor.

## ESBOÇO

Na enormidade daquella bocca medonha, que faz lembrar a entrada da gruta allí do jardim e onde trez dentes amarellados e cambaios ha muito que requereram reforma—fazem orgia as espalhafatosas gargalhadas d'um pancracismo sem rival.

Aquillo não é bocca... é um epigramma, talvez mesmo uma satyra gravada allí por baixo dos bigodes, constantemente a rir e a lhe criticar o resto do corpo desbragado e pulha. Tem os olhos pequenos, buliçosos e pardos, o que constitúe um symphthoma evidente d'um espirito sempre preocupado em cogitações da vida alheia.

Pratica diabruras por um sorriso feminino: é um louco que vive a sopapear os seus poucos recursos pecuniarios, a pol es no olho da rua, aos ponta-pés, esbanjando-os com a sua paixão,—não a paixão que purifica e divinisa as almas, mas a paixão estúpida, que traz a rubra flor da virgindade na testa... e cujo ideal consiste nos beijos demorados e quentes de mulher bonita, sentindo o affago consolador da elasticidade das almofadas...

A uns olhos perspicazes estampa se naquelle typo, logo á primeira vista, o perfil ranalha do Lovelace da actualidade. Os labios humidos e grossos são como uma ironia petulante boiando á flux da pallidez chlorotica do rosto, tal é a expressão debochada que ás vezes os contrahae aos cantos.

E' um tratante, com fumaças de homem sério.

TICIANO

## IT IS SAID

...in the precipitated retreat of the «baise».

Study?

## IT IS SAID

... in the arrival of the Zombo... 52 tons !!

Ty !!!!

## MAROMBA

Saracoteia, quadrado,  
Na pança o focinho roça;  
Sabe num can-can requebrado,  
Saracoteia quadrado,  
O mundo é largo, arejado,  
Gosta de festa e de troça,  
Saracoteia, quadrado,  
Na pança o focinho roça.

Dá uns relinchos de burro  
E uns corcôvos, putranco,  
Atôa o mundo num zurro,  
Dá uns relinchos de burro  
Emquanto o pé não te empurro,  
O meu feições de tamanco,  
Dá uns relinchos de burro  
E uns corcôvos, putranco

Assoa da venta o mucu,  
O' chuva, ó paio, ó tartufo!  
Rele atrás velho trabuco,  
Assoa da venta o mucu,  
Tira da pança o tujco,  
E mette o pé num pantufo,  
Assoa da venta o mucu,  
O' chuva, ó paio, ó tartufo!

Arreganhada a dentuça  
Toca trombeta, meu leuro,  
O riso do povo aguça  
Arreganhada a dentuça,  
Olaré, olaré, olaruça...  
Bravos l que, quasi estouro!  
Arreganhada a dentuça  
Toca trombeta, meu leuro!

E's arlequim da chalaça,  
Da velha troça burgueza,  
Dança um fadinho com graça  
E's arlequim da chalaça,  
Quero te ver numa praça  
Como um cigano á franceza  
E's arlequim da chalaça,  
Da velha troça burgueza

Cavacoleia, madraço,  
Toca pandeiro. Evohé!  
Na cara com giz um traço,  
Cavacoleia, madraço,  
Faz neste mundo fracão,  
Que o mundo é tlo, é bebé,  
Cavacoleia, madraço,  
Toca pandeiro. Evohé!

CARIONE

—Vou fundar um jornal.  
—Tens capital para elle?  
—Não; eu mesmo escrevo o compo-

nho.

—E o papel?  
—Um caderno basta para um mez.  
—E a administração?  
—Não penso em ter assignantes, e como o unico leitor, serei eu mesmo, dar-me-hei ao luxo de só publicar o jornal quando tiver vontade de ler.

## AOS ASSIGNANTES

No proximo numero daremos a lista dos assignantes, que deixaram de pagar as suas assignaturas.

O Gerente.

Typ. de Joaquim. Margarida  
Rua de Victor Meirelles N.13